

**DOSSIÊ**

**O Rio de Janeiro de  
todas as gentes:  
a construção  
de um campo  
interdisciplinar  
nos estudos  
migratórios**

# Apresentação

Nos últimos anos se multiplicaram dossiês sobre o tema das migrações sul-sul e, particularmente, da situação do Brasil como país receptor de imigrantes.<sup>1</sup> Ao abrigo do *boom* econômico brasileiro decorrido entre 2000-2014, o país parecia ter entrado de forma definitiva na rota dos imigrantes, seja os que migraram por questões econômicas seja aqueles que aqui chegaram por razões humanitárias. Essa atração, em parte, também se relaciona ao amplo programa de investimentos sociais que estava em curso na época, assim como pela política externa simpática à imigração efetuada pelo governo brasileiro.<sup>2</sup>

Todavia, a partir de 2015, o país foi atingido duplamente pela recessão econômica e pela crise política que associadas elevaram a taxa de desemprego de 4,8% para 14,7%, além de reduzir direitos trabalhistas. No mesmo ano de 2015, o país registrava 1.847.274 imigrantes assentados regularmente, o que de acordo com o Relatório Anual da OBMigra (2020), se reduziu a 1.085.673 imigrantes, considerando todos os amparos legais. Vale ressaltar que o referido relatório analisa os dados integrados do período 2011-2019.

Ainda, de acordo com o OBMigra 2020, a maior parte dos imigrantes era do sexo masculino, em idade economicamente ativa e com nível de escolaridade médio e superior, oriundos da América Latina e Caribe, destacadamente venezuelanos e haitianos. Apenas 399.372 eram mulheres. Desse conjunto, pouco mais de 50%, ou seja, 660.349 foram considerados imigrantes de longo termo<sup>3</sup> no Brasil. Os números -oficiais- sinalizam a redução da entrada de imigrantes no país, o que certamente reflete a crise econômica e o esgarçamento dos programas de inclusão social brasileiros a partir do governo Michel Temer (2016-2018), mas pode indicar, também, as dificuldades de obtenção da cidadania plena no país, e como tem sido abordado por diversos autores, a ausência de políticas públicas práticas de integração à sociedade local.

Se no plano econômico a sinalização é negativa, no político, a contetura da ascensão da extrema direita ao poder com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 agrava o quadro, uma vez que a normalidade democrática que o país parecia haver conquistado no período da Nova República vem sendo constantemente ameaçada pelo presidente. Ademais, sua reconhecida antipatia à questão imigratória – importante lembrar sua visita aos Estados Unidos em março de 2019, quando afirmou que a maioria dos imigrantes não tem boas intenções e defendeu a postura antimigratória do então presidente Trump,<sup>4</sup> dificulta ainda mais o estabelecimento de modo permanente dos imigrantes no Brasil.

Passado o *boom* econômico e dada as atuais condições, o Brasil como destino de imigração parece ter ficado no passado e ter se constituído como um ponto transitório na rota migratória do presente global.

O Rio de Janeiro foi um dos estados mais afetados pelo quadro recessivo dos últimos anos a começar pela queda do barril de petróleo em 2015 e o enxugamento da Petrobrás, uma vez que a economia do estado estava alavancada no setor petrolífero com estreitos laços com aquela empresa. A construção civil, cujas principais empresas eram sediadas na capital do Estado foram a pique com as investigações da Lava-Jato, e o ciclo dos megaeventos ocorridos na cidade que demandaram enorme mão de obra (Copa do Mundo e a Olimpíadas) se encerraram. De acordo com o economista e professor da UFRJ, Mauro Osório, “entre janeiro de 2015 e dezembro de 2020, pelos dados do Ministério da Economia, o estado do Rio de Janeiro perdeu 702.148 empregos com carteira assinada”, números que representam metade dos empregos deste tipo no país.<sup>5</sup>

Entretanto, a crise do estado do Rio de Janeiro tem contornos ainda mais dramáticos por associar o desemprego a um ciclo interminável de violência urbana que envolve uma política de segurança pública de guerra às drogas em confronto com o tráfico e milícias. É essa a realidade que enfrentam os imigrantes que se radicaram na cidade para viver.

Falar da presença das recentes levas migratórias no Rio de Janeiro é adentrar numa miríade de números e dados senão confusos, dispersos em diversas plataformas e sites, o que dificulta afirmar com precisão quantos imigrantes temporários, residentes, ou com *status* de refugiados encontram-se na cidade.

De acordo com os dados apresentados pelo Núcleo de Estudos de População Elza Berquó da Unicamp que reúne os dados do Sincre (Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros) e do Sis-

migra (Sistema de Registro Nacional Migratório), o Registro Nacional de Imigrantes (RNI, antigo Registro Nacional de Estrangeiros) informa que a cidade do Rio de Janeiro entre 2000-2020 registrou 143.832 imigrantes. Destes, 106.015 possuem vistos temporários, 33.824 permanentes, 2.438 residentes, 789 possuem outros tipos de vistos, 720 provisórios e outros 33 sem informação.<sup>6</sup> Tais números contemplam apenas as pessoas registradas, excluindo, portanto, os refugiados e solicitantes de asilo e os indocumentados. Desse conjunto, 72,1% são homens e 27,9% mulheres, grande parte deles na faixa etária entre 20-59 anos.

Por englobar o período do *boom* imigratório as nacionalidades são diversas desde 14.000 estadunidenses até um botsuanês. De modo semelhante, as ocupações incluem altos executivos de multinacionais a pedreiros e ambulantes.

Da América Latina, Caribe e África pode-se destacar paraguaios (573), uruguaios (1.080), equatorianos (1.106), peruanos (3.493), colombianos (5.143), argentinos (6.927), venezuelanos (2.540); haitianos (1.811); da República Democrática do Congo (522), Cabo Verde (525), Angola (3.495); a China também comparece (7.308).<sup>7</sup>

Importante destacar que de 2014 a 2020, período que conforme explicado anteriormente se caracterizou pelo quadro recessivo nacional e, particularmente da grave crise econômica do Rio de Janeiro, os registros anuais da entrada de imigrantes na cidade caíram progressivamente de 12.355 em 2014 para 4.689 em 2019, e para 1.074 em 2020, números apurados nos meses iniciais da pandemia de Covid 19.<sup>8</sup>

No que se refere aos imigrantes que solicitaram refúgio, os dados da Pares Caritas informam que em 2020, 26.577 pessoas foram reconhecidas como refugiadas e 28.899 aguardavam o reconhecimento desta condição no Brasil. Do total de 43 mil reconhecidos, 88% são venezuelanos.<sup>9</sup>

De acordo com o ACNUR até dezembro de 2015 havia 4.111 refugiados no Rio de Janeiro e 2.410 solicitantes, perfazendo um total de 6.521 pessoas. Desses, os grupos mais representativos eram os angolanos, congolezes, colombianos, libaneses, sírios, líbios, paquistaneses, iraquianos e sérvios. Os venezuelanos aparecem em maior número a partir de 2018. Já os últimos registros revelam que em 2019, 451 indivíduos solicitaram refúgio e em 2020, apenas 89. Ecos do Covid 19.

A crise fluminense associada agora à vigência da pandemia de Covid 19 tornou a vida dos refugiados e solicitantes de asilo ainda mais difícil. Dados do Pares Caritas mostram que a instituição com sede no bairro do Maracanã, atendeu em 2019 a 2596 pessoas, número que praticamen-

te dobrou em 2020 com 5.082 atendimentos até o mês de setembro. De acordo com a coordenadora do Programa de Atendimento a Refugiados e solicitantes de refúgio da instituição, Aline Thuller, antes da Covid 19 a Caritas “lidava com questões de saúde, educação, trabalho, documentação e moradia”, todavia a partir da pandemia “a situação é de desespero, com muitas pessoas passando fome e sem condições de pagar o aluguel para não serem despejadas.”<sup>10</sup>

É no contexto de uma crise mundial, a emergência sanitária do Covid 19; de uma crise nacional que associa economia e política; e da crise fluminense, todas de elevadas proporções que os estudos sobre as migrações recentes vêm se desenvolvendo no Rio de Janeiro e encontrando abrigo, no que se refere à academia, em diversos programas de pós-graduação, particularmente da Comunicação Social, da Psicologia, do Serviço Social, das Relações Internacionais, da Educação e da História, entre outros.

A diversidade de pesquisadores e áreas envolvidas com o tema vem revelando o exercício da interdisciplinaridade como método para abordar esse fenômeno tão complexo de construção de novas identidades e estratégias de sobrevivência social que ocorre agora, no tempo presente, que desloca o investigador do seu tradicional local de pesquisas, o arquivo, para à abertura da sua prática a outros processos a fim de encontrar explicações possíveis para tal fenômeno.<sup>11</sup>

É por este motivo que o presente dossiê intitula-se Rio de Janeiro de todas as gentes: a construção de um campo interdisciplinar nos estudos migratórios, que reúne cinco estudos sobre as migrações ancorados em diferentes enfoques metodológicos, variadas abordagens teóricas e linhas de pesquisa, mas sobretudo marcados pela especificidade que representam os diversos campos do conhecimento contemplados. Em comum todos os artigos sublinham as questões decorrentes da etnicidade dos grupos migrantes como a identidade e o racismo, assim como enfatizam os entraves burocráticos que dificultam o cotidiano do migrante, seu desalento com a ausência de políticas pragmáticas que o integrem, e as especificidades da condição de refugiado.

Embora este dossiê contemple as migrações recentes, os ecos da grande imigração ainda repercutem no horizonte. O avanço dos estudos sobre o Pós-Abolição tem se realizado de forma quase sempre de modo estanque aos estudos sobre a imigração. Em 2016, a conferência inaugural do II Seminário Internacional da Sociedade de Estudos dos Oitocentos (SEO), em Londrina, *O Brasil de Todas as Gentes. Libertos e imi-*

*grantes no quadro do pós-abolição: Um debate Historiográfico*,<sup>12</sup> alertava para a necessidade desses estudos ocorrerem de forma integrada. Desde então, ainda são poucas as investigações que associam os dois campos. Exemplo disso é a tese doutoral de Natália Batista Peçanha,<sup>13</sup> de 2018, em que estuda a formação do mercado de empregados domésticos da cidade do Rio de Janeiro a partir do entrecruzamento do pós-abolição e da grande imigração. Portanto, há muito que avançar nessa direção, afinal nacionais e estrangeiros, afrodescendentes e imigrantes disputaram no período, palmo a palmo, o mercado de trabalho local. Da mesma forma, confraternizaram-se em associações e enredaram-se em laços de sociabilidade, como vem demonstrando estudos sobre associativismo e imigração.

Vale dizer que no que se refere às migrações recentes existe uma lacuna historiográfica. A pesquisa no banco de teses e dissertações das principais universidades do Grande Rio demonstra que essa ainda é uma temática a ser desbravada pelos historiadores.

Assim, em conformidade com os interesses assinalados nessa apresentação, integram esse volume cinco artigos. O primeiro, *A proteção aos migrantes venezuelanos no Rio de Janeiro: desafios aos Assistentes Sociais*, das professoras Mariléia Franco Marinho Inouê (NEPP-DH-UFRJ) e Ariane Rego de Paiva (PPGHSS-PUC), apresenta o caso do processo de migração/refúgio venezuelano e suas particularidades na cidade do Rio de Janeiro. De um lado, as autoras desvendam os caminhos da assistência social às famílias migrantes refugiadas e em situação de vulnerabilidade socioeconômica no município por parte das instituições públicas e privadas que atuam nessa esfera. De outro, problematizam as formas como se oferece essa proteção.

O segundo e o terceiro artigo abordam a questão pedagógica de formas distintas. *Crianças migrantes no Rio de Janeiro: um teste para as escolas públicas*, do professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural – Diaspotics, Mohammed ElHajji, de Gabriela Azevedo de Aguiar (Doutoranda no Programa Eicos da UFRJ) e da Doutora e professora da Universidade Estácio de Sá, Adriana Maria de Assumpção, oriundas da pedagogia e da psicossociologia e integrantes do Diaspotics, analisa o papel dos professores como mediadores interculturais para crianças migrantes que adentram a rede pública de ensino e a formação desses docentes a partir da experiência direta das duas coautoras ao ministrarem em 2019, aulas sobre a “Inclusão e edu-

cação para Refugiados” no Curso de Especialização “Construindo a Inclusão em Educação”, oferecido pelo Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ).

Já Migrações contemporâneas e a escola pública: relato-reflexão sobre os caminhos de uma pesquisa, de autoria das professoras doutoras em Educação, Kelly Russo (UERJ) e Sandra Marcelino (PUC), e da doutora em Língua Portuguesa, Leila Mendes (UERJ), nos oferecem suas reflexões a partir do estudo de caso sobre o processo de inclusão de crianças e de famílias em situação de imigração na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

O quarto artigo, O acolhimento dos refugiados do conflito da Síria no Rio de Janeiro: a contribuição das Relações Internacionais, da mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos, Raquel Câmara Leal Figueiredo (UFRJ), analisa pela perspectiva das Relações Internacionais como a guerra civil na Síria e a projeção de uma imagem brasileira de acolhimento recolocaram o Brasil na rota dos migrantes sírios. Discute, também, o regime de proteção dos refugiados no Brasil e apresenta os resultados de sua pesquisa de campo sobre como esses migrantes pensam o refúgio e suas experiências na cidade.

Finalmente, o artigo que encerra esse dossiê, do historiador Carlos Eduardo Coutinho da Costa, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Imigrantes Brancos e Migrantes Negros no pós-abolição da Cidade do Rio de Janeiro, reflete sobre a necessidade da aproximação dos campos de pesquisa da Grande Imigração e do Pós-Abolição a partir das relações estabelecidas entre esses dois tipos de migrantes tanto no período final da escravidão como no pós-abolição. O autor enfatiza, também, a construção das noções de raça e racismo elaborados nos encontros e desencontros desses grupos.

\*\*\*\*\*

O presente dossiê, como assinalado, foi elaborado nos anos pandêmicos de 2020 e 21. Os artigos, embora não tratem de seus impactos na vida dos imigrantes são, em alguns aspectos, contundentes na exposição da precariedade das condições materiais em que vivem e do reduzido apoio que recebem das instituições públicas e filantrópicas. O muro

epidemiológico potencializou tal situação arrastando-os a uma crise humanitária. Garantir-lhes visibilidade é fundamental para que resistam e transformem suas vidas, afinal como disse Award, entrevistado de Raquel Câmara Leal Figueiredo, “pessoas de deslocamentos forçados precisam mais do que documentos”.

**ISMÊNIA DE LIMA MARTINS**

Professora Emérita da UFF.

[ismeniadelimartins@gmail.com](mailto:ismeniadelimartins@gmail.com)

**ANDREA TELO DA CORTE**

Pós-doutoranda do PPGH-UFF e Professora da SEEDUC.

[andreatelodacorte@gmail.com](mailto:andreatelodacorte@gmail.com)

**ERICA SARMIENTO**

Professora Adjunta do Departamento de História da UERJ e do PPGH-UERJ. Coordenadora do LABIMI/UERJ e da Cátedra Sergio Vieira de Mello/UERJ (ACNUR).

[erisarmiento@gmail.com](mailto:erisarmiento@gmail.com)

## NOTAS

<sup>1</sup> MARTINS, Ismênia de Lima; INOUE, Marileia Franco Marinho; CÔRTE, Andrea Telo da. Editorial in Revista *METAXY*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.2-11, 2019.

<sup>2</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. *A Imigração no Brasil do Século XXI: Desafios*. In ARRUDA, José Jobson de Andrade; FERLINI, Vera Lucia Amaral; GONÇALVES, Paulo Cesar; MONT SERRATH, Pablo Oller (Orgs.). **Diásporas Globais e Migrações Contemporâneas**. São Paulo: Alameda, 2018. SICSU, João. **Governo Lula: era do consumo? Texto para discussão**. Instituto de Economia. RJ, UFRJ. 2017. <http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2017/tdie0212017sicsu.pdf>

<sup>3</sup> De acordo com a metodologia empregada pelo OBMigra, são imigrantes que, geralmente, permanecem no país em um período superior a um ano.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/bolsonaro-diz-que-maioria-de-imigrantes-nao-tem-boas-intencoes-e-que-apoia-muro-de-trump.shtml> Acessado em: 13/07/2021.

<sup>5</sup> Entrevista Mauro Osório para Sidney Resende in <https://odia.ig.com.br/colunas/sidney-rezende/2021/02/6084594-as-raizes-da-decadencia-do-estado-do-rio-de-janeiro.html> acessado em 13/07/2021.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincretismigra> Acessado em 14/7/2021.

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincretismigra> Acessado em 14/7/2021.

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincretismigra> Acessado em 14/7/2021.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.caritas-rj.org.br/numeros-refugio-no-brasil1234.htm> Acessado em 14/7/2021.

<sup>10</sup> Disponível em Portal G1, 6/9/2020. Acessado em 13/7/2020.

<sup>11</sup> MARTINS, Ismênia de Lima; INOUE, Marileia Franco Marinho; CÔRTE, Andrea Telo da. Op.Cit. P.3.

<sup>12</sup> MARTINS, Ismênia de Lima. O Brasil

de Todas as Gentes. Libertos e imigrantes no quadro do pós-abolição: Um debate Historiográfico In Conferencia de Abertura do II SEMINÁRIO INTERNACIONAL Caderno de resumos. BRASIL NO SÉCULO XIX, Londrina, UEL, 2016 <http://www.uel.br/cch/his/SEO/CadResumosCRF210112016.pdf>

<sup>13</sup> PEÇANHA, Natália Batista. **Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de Casa? Cotidiano e agências de servidas/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930)**. RJ, Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História (PPHR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.